



Artigo

O Averso do Turismo como proposição de Sinalizadores para o Futuro. Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres

The Averse of Tourism as a Proposition of Flags for the Future. Ecosystem reflections on entanglements and processes of the opposite of tourist deterritorializations in their knowledge and doings tourism

El reverso del turismo como propuesta de banderas para el futuro. Reflexiones ecosistémicas sobre entrelaçamientos y processualidades del reverso de las desterritorializaciones turísticas en sus saberes y haceres turismo

Maria Luiza Cardinale Baptista- Universidade de Caxias do Sul

Palavras-chave:

Averso do Turismo;
Epistemologia;
Ecossistemas Turísticos;
Desterritorialização;
Responsabilidade Ecológica.

Resumo

O presente texto tem caráter ensaístico, resultante de um conjunto de pesquisas envolvendo a dimensão epistemológica da Ciência e das transversalizações entre Turismo, Comunicação e Subjetividade, especialmente. No caso desta produção textual, a ênfase está em discutir a proposição 'avesso' para as processualidades das desterritorializações turísticas, em seus saberes e fazeres, propondo reflexões de alinhamento desses processos com a pressuposição de Ciência Ecológica, complexa, caosmótica e dissipativa, conforme está proposta por autores contemporâneos. Os pressupostos teóricos são transdisciplinares, em coerência com a perspectiva holística. Envolvem, especialmente, os feixes entrelaçados de trilhas teóricas: Epistemologia da Ciência, no viés das mutações contemporâneas; Ecossistemas Turísticos; Esquizoanálise e Sociologia das Ausências. A estratégia metodológica subjacente a este texto é a Cartografia dos Saberes, na sua proposição de quatro trilhas operacionais da investigação científica, pensada como viagem do conhecimento: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa. Os resultados estão relacionados ao amplo trabalho teórico e de discussões epistemológicas, mas também decorrem de relações estabelecidas a partir de pesquisas empíricas, de trabalhos supervisionados em nível de pós-graduação na área do Turismo.

Keywords:

Reverse of Tourism;
Epistemology;
Tourism Ecosystems;
Deterritorialization;
Ecosystem Responsibility.

Abstract

This text has an essay character, resulting from a set of researches involving the epistemological dimension of Science and the transversalizations between Tourism, Communication and Subjectivity, especially. In the case of this textual production, the emphasis is on discussing the 'averse' proposition for the proceduralities of tourist deterritorializations, in their knowledge and practices, proposing reflections on the alignment of these processes with the presupposition of Ecosystemic Science, complex, chaosmotic and dissipative, as it is proposed by contemporary authors. The theoretical assumptions are transdisciplinary, consistent with the holistic perspective. They involve, in particular, the intertwined bundles of theoretical paths: Epistemology of Science, in the light of contemporary mutations; Tourism Ecosystems; Schizoanalysis and Sociology of Absences. The methodological strategy underlying this text is the Cartography of Knowledge, in its proposition of four operational paths of scientific investigation, conceived as a knowledge journey: Personal Knowledge, Theoretical Knowledge, Production Plant and Intuitive Dimension of Research. The results are related to the broad theoretical work and epistemological discussions, but also stem from relationships established from empirical research, from supervised work at the postgraduate level in the area of Tourism.

Palabras clave:

Aversión al Turismo,
Epistemología;
Ecossistemas turísticos;
Desterritorialización;
Responsabilidad del ecosistema.

Resumen

Este texto tiene un carácter ensayístico, resultado de un conjunto de investigaciones que involucran la dimensión epistemológica de la Ciencia y las transversalizaciones entre Turismo, Comunicación y Subjetividad, especialmente. En el caso de esta producción textual, el énfasis está en discutir la proposición 'reverso' de los processualidades de las desterritorializaciones turísticas, en sus saberes y haceres, proponiendo reflexiones sobre la alineación de estos procesos con el presupuesto de la Ciencia Ecológica, compleja, caosmótica y disipativa, como es propuesto por autores contemporáneos. Los supuestos teóricos son transdisciplinarios, coherentes con la visión holística. Implican, en particular, los haces entrelazados de caminos teóricos: la epistemología de la ciencia, a la luz de las mutaciones contemporáneas; Ecossistemas turísticos; Esquizoanálisis y sociología de las ausencias. La estrategia metodológica que sustenta este texto es la Cartografía de los Saberes, en su propuesta de cuatro senderos operativos de investigación científica, concebidos como un viaje del conocimiento: Saberes personales, Saberes teóricos, Planta de producción y Dimensión intuitiva de la investigación. Los resultados están relacionados con el trabajo teórico amplio y las discusiones epistemológicas, pero también surgen de las relaciones que se establecen a partir de la investigación empírica, del trabajo supervisado a nivel de posgrado en el área de Turismo.

Recebido em: 03/12/2020.

Aprovado em: 13/01/2021

Revisado por pares



Como citar APA: Cardinale Baptista, M. L.. (2021) O Averso do Turismo como proposição de Sinalizadores para o Futuro. Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, Brasília, 9 (3), Set./dez.. 10.26512/revistacenario.v9i3.34894

Sobre o avesso das coisas....

Minha avó me ensinou a costurar. Aprendi o básico, mas o básico profundo, refletido, porque sempre foi do meu estilo. Desde menina, eu sempre pensei fazendo, pensei o que faço, refleti sobre o aprendizado e as (co)relações entre os saberes. Sentada na escada de três degraus, que separava a sala e a copa (conjugado entre sala de jantar e cozinha) da casa da minha avó, eu a observava costurar. Era uma máquina antiga, da marca Singer, se não me engano. Preta, de metal, em cima de uma estrutura de madeira, uma mesinha, debaixo da qual eu gostava, às vezes, de me sentar e ficar pensando na vida. Desde criança, um defeito de fabricação, digamos.

Da costura, eu me encantava com tudo. Estar perto dela, observar o corte das roupas, o momento em que ela se sentava diante da máquina. “Fia, pega meus óculos!”. Era uma armação de óculos também antiga, que ela usava para aqueles momentos. Eu via então a mágica se fazer, a costura ir juntando os pedaços e entrelaçando com os fios os elementos da composição costurada. Poesia pura. Da minha altura de meninice, arregalava os olhos quando a agulha descia e subia, passando o fio, costurando... minha avó ali, concentrada. Pessoa dedicada... fazia o que tinha que ser feito.

Minha avó também me ensinou o valor dos avessos. Disse uma vez que uma boa costureira se conhece pelo avesso das costuras, ali onde estão os arremates, os nós, os pontos bem dados, os fios soltos que não se soltam, a trama verdadeira engendrada, que segura a costura da parte da frente. A parte da frente é a que todo (e qualquer um) vê. O avesso não. Só quem sabe vê e olha o avesso e percebe que ali, exatamente ali, estão as amarrações da vida, as tramas da tessitura existencial que mostra o bonito e o feio, o que nem todo mundo quer ver, mas sem o qual a costura ‘da frente’ que se mostra exibida, não existe. Assim é também o Turismo. Sem o avesso, o Turismo não existe. A parte da frente, que se mostra em fotos, vídeos, nos mais diversos dispositivos comunicacionais, foi preparada para ser vista como bonita. Para existir, ela precisa do avesso, da trama do avesso e essa, por sua vez, não se sustenta sem a tessitura amarrada de fios, nós, laços, entrelaços, arremates. Nenhum fio solta o fio de ninguém. Se isso acontecer, quando se percebe, a trama da frente pode começar a se esgarçar, desfazer, desmanchar... perder o sentido. Penso que já é tempo de olhar para o avesso, também do turismo, assim como dos entrelaços de saberes e fazeres que o constituem e transversalizam. O percurso é longo, vem de longe, há que se permitir compreender sua formação, para entender a trama contemporânea do Averso do Turismo.

O início em itálico traz a marca da primeira trilha da Estratégia Metodológica Cartografia de Saberes, que proponho para os meus estudos: a Trilha de Saberes Pessoais. Tenho dito que uma pesquisa, que a Ciência, não brota do nada, mas do profundo dos sujeitos, entrelaçados por vivências, histórias, intensidades, produções. Fazer Ciência, dar Ciência, implica envolvimento intenso e dedicado, olhar atento, e trabalho árduo, ao longo de toda a vida. Não se resume a uma coleta de materialidades, num determinado período de tempo, embora se faça isso também, e isso pode ter certa importância, se for entrelaçado com outros saberes que se enredam na trama de significação científica em produção. A Ciência se faz do processo de busca e significado dos dados, o que é produzido na interação de seres e ecossistemas, com ações multidirecionais, nas suas múltiplas variações e combinações, de elementos bióticos e abióticos, de natureza e maquinismos, também de maquinismos abstratos, substâncias e energias. A Ciência decorre de mergulhos profundos, de caminhos por entre trilhas sem volta, com percalços, enfrentamento de intempéries e períodos de se perder na viagem de ‘investigação’, de produção de ações de investimentos em determinadas direções. A Ciência é uma viagem investigativa¹ na floresta (dos acontecimentos, fenômenos e saberes), em que o sujeito descobre as conexões, reinventa-se, porque, assim como nas viagens, passa a ser diferente, renasce, brota de novo no ‘com-

tato' com outros ares, outras misturas, mestiçagens, combinações rizomáticas. A Ciência é autopoieticaⁱⁱ. O Turismo também é, inventa-se e reinventa-se no acontecimento, no processo, fazendo e refazendo, no verso reverso, sendo que as amarras e o trançado real se constituem, pelo a v e s s o.

Este texto está sendo produzido com o propósito de repensar o Turismo, como território de saberes e fazeres, mas isso é feito a partir de pressupostos epistemológicos relacionados à Ciência, como um todo, ciência pautada pela lógica Holística Ecológica Complexa. Nesse sentido, alinho-me a pensadores contemporâneos que, desde o século passado sinalizam para a importância de religação de saberes (Morin, 1991, 2003, 2013), de consideração a grande Mutação da Ciência (Capra, 1991), de trabalharmos com a Ciência Holística (Crema, 1989), Ciência Pós-Moderna, em que se considere a Sociologia das Ausências e Epistemologias do Sul (Santos, 1990, 1997, 2019), de Caosmose (Guattari, 1992) e Mil Platôs (Guattari & Deleuze, 1995), de associação entre Ciência e Espiritualidade e de ultrapassagem dos saberes da Física Clássica, como Amit Gowami (2008).

Há que se partir de algum ponto, para fazer a costura desejada, também para enxergar o avesso. Assim, na produção deste texto, sigo uma prática costumeira, sugerida por uma das minhas principais referências no universo da Comunicação, o pensador Umberto Eco (1993). Para começar a refletir e produzir conhecimento sobre algo, gosto de 'namorar' a palavra, que o representa. Gosto de pensar nos seus diferenciais de significação. Isso implica tentar dizer o que a palavra diz, que outra palavra não diz. Qual é o grau zero de significação, a significação base, sua essência com seus traços característicos (seus semas diferenciais). Turismo, na composição derivativa, de tour+ismo, implica deslocamento, desterritorialização, com certo nível de consciência desse movimento, associado à preparação mínima para tal [o antes]; associação do viajante com a trama de informações, pessoais e midiáticas, bem como com as ofertas de serviços que possam compor favoravelmente com esses recursos básicos de partida [o processo]; e toda uma grandiosa trama de trocas, que se estabelece entre os sujeitos envolvidos no percurso [o durante], sejam esses sujeitos corpos singulares ou corpos coletivos, pessoas, instituições, organizações públicas e privadas, organizações não governamentais, lugares – todos com seus elementos de complexidade, considerados, portanto, também como trama. E, além disso tudo, existe a processualidade complexa do 'movimento de retorno', a reterritorialização, nem sempre tão desejante assim, tampouco consciente. Geralmente, seus agenciamentos e transmutações são mais sentidos, que percebidos conscientemente. O certo é que o sujeito sempre volta 'outro sujeito', em algum sentido ou em muitos. Estamos falando do desfecho do turismo [do depois].

Então... para este texto, em busca do avesso, há o mergulho no Turismo-Trama, como eu venho chamando, turismo em si, como palavra, enunciação de algo, que me possibilita perguntar ao termo o que ele esconde e mostra nessa trama? O que há entre e por trás dessa junção de letras (sinais significantes enunciativos) e sua histórica constituição, que percebemos a partir dessas matrizes de significação? Como referi antes, temos turismo, tour'ismo'. Daí posso pensar em tendência de fazer 'tour', movimento, deslocamento, desterritorialização. Se saio desse mergulho na palavra e, de fora, olho e penso.... penso, reflito que se trata de algo que não pode ser analisado, unicamente em si, mas como decorrente de uma grande trama de entrelaçamentos decorrentes de um processo histórico, de um longo caminho de desdobramentos processuais, que tem dimensões ecossistêmicas, associadas às de outros ecossistemas, tão ou mais potentes. Processos complexos em conexões com grandes tramas de produção, com trançados potentes de entrelaços na geopolítica internacional, no grande trançado que marcou a globalização econômica e os direcionamentos dos fluxos de capital e investimentos. Tudo, com implicações nos mais diferentes territórios, nacionais, regionais e locais, urbanos e rurais.

Assim, o turismo é considerado, neste texto, como fenômeno complexo, resultante de uma trama ecossistêmica complexa. A conexão direta com autores da área é feita especialmente com Marustchka Moesch e Mario Beni (2017), com aproximações e diálogos

com outros autores, como Susana Gastal (2003, 2005), entre outros. Em outro texto, (Baptista, 2013, 2014a, 2014b, 2017, 2020) já enunciei que falar em ecossistema – seja ele turístico, comunicativo ou subjetivo – implica buscar a descentralização de vozes, a dialogicidade de fatores bióticos e abióticos, a interação, tendo como base a Ecologia Profunda, a dimensão trama comunicacional trabalhada na minha tese (2000) e a de Ecossistemas Comunicacionais, desenvolvida por Monteiro e Colferai, na Amazônia. Nesses ecossistemas, as relações devem buscar equilíbrio fluente e harmonia, em ambientes onde convivem diferentes sujeitos, vivos e não vivos, materiais e imateriais. Vale ressaltar que esses atores/sujeitos singulares ou sociais, interagem em meio a uma caosmose (no sentido de caos, osmose no cosmo), não apenas no mundo natural ou no tecnológico, mas em todas as esferas dos ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos. Isso constitui uma trama teia de infinitos entrelaçamentos e conexões, visíveis e invisíveis, com tessituras complexas de materiais, substâncias difíceis de apreender e, até mesmo de narrar. Neste caso, a compreensão demanda recorrer a visualidades, mais afeitas ao universo de estudos do cientista Marcelo Gleiser (2006, 2007), a cosmologia, a cosmo, as constelações.

Nesse sentido, vendo propondo os ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos como processos complexos de desterritorializações, envolvendo o acionamento e entrelaçamentos de diferentes ecossistemas, em que o sujeito que se desloca é também sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia a movimentação e conexão de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo. Nesses processos, está envolvida e é acionada uma teia de materialidades e imaterialidades, desde as potentes tramas econômico-político-sociais-culturais e de prestação de serviços, até os subjacentes fluxos de energias, das micropartículas, de acionamento quântico, que atingem também os níveis de afetos. Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas.

Vale questionar, diante dessas reflexões: o que pode significar, então, pensar o avesso do Turismo? Antecipo: no avesso do Turismo é que se enxerga a trama toda, a ‘teia da vida’ do Turismo, com suas amarrações e também os fios soltos. Estamos em tempo de especial convite para a parada e a ampliação de consciência, visando à sobrevivência, de nós mesmos, de nossos fazeres e saberes, compreendendo que isso só será possível se percebermos as conexões entre o que vem sendo feito e o que não vem sendo, entre o que vemos, pensamos e fizemos até aqui e seu revés. O Averso da Coisas (1987), disse o poeta Drummond, em título de uma de suas obras, certa vez. É sobre isso que estamos refletindo aqui, no caso, emblematicamente pensado, tratamos do Averso do Turismo, como território e processualidade de estudos, platô – plano de intensidade contínua, no sentido esquizoanalítico – de saberes e fazeres e – por que não? – como metáfora da Grande Viagem.

Nos percursos de construção das pesquisas, a estratégia cartografia dos saberes

Partimos, agora, para a reflexão, ainda que breve, sobre a estratégia metodológica Cartografia dos Saberes. Há que se falar da metodologia, do estudo dos caminhos e dos métodos (os caminhos!), eles mesmos. Sim, métodos? Temos. No plural, entrelaçados em uma trama de trilhas, cuidadosamente percebidas e construídas no percurso. Assim é. Suely Rolnik, uma das minhas inspirações para a proposição desta estratégia, me ensinou, que a cartografia é uma espécie de mapa que se faz acompanhando a mudança da paisagem. Eu refleti muito sobre isso, impressionada pela poética da frase, do conhecimento adquirido, mas também encantada pelo fato de estar associada ao campo da Metodologia, tão duramente

construído, em outras visões, como campo de dogmas, doutrinas, como discursos autoritários do que se pode e o que não se pode fazer na pesquisa. Em síntese, com a Cartografia, podemos pensar em 'mapeamentos mutantes', como eu venho chamando, constantes levantamentos e observações intensas, afetivas, no sentido de acionamento de afetos, do que nos afeta no que é observado. Assim, a opção cartográfica, conforme a Esquizoanálise, área do conhecimento da qual Suely Rolnik é uma das representantes, é o reconhecimento do processo de subjetivação na leitura do mundo, em processos de inserção na paisagem, por parte do viajante-pesquisador. Isto significa que os pressupostos inerentes ao que eu denomino Cartografia dos Saberes estão relacionados aos princípios do cartógrafo que Rolnik apresentou em texto intitulado Cartografia Sentimental (1989), também na produção com Guattari, Cartografias do Desejo (1986), entre outros. As orientações gerais são as mesmas da Ciência, no sentido que vem sendo aqui apresentado.

No esforço de criar sinalizadores operacionais para os pesquisadores, para a práxis da pesquisa, a partir das orientações gerais da Cartografia, por esses autores, criei a Estratégia Metodológica Cartografia dos Saberes. Não é método. Não é 'um' caminho. É uma trama de trilhas e, mais que isso, uma estratégia, ou seja, o 'acionamento da mente que direciona a ação' – estratégia –, promove a ação, reflete, põe essa ação em 'com-versações' nos clarões relacionais tramados dos Encontros Caóticos do Amorcomtur!. Nesses encontros, o caos é considerado segundo uma lógica inspirada em Morin e Gleiser, como campo de potencialidades; também se inspiram nos círculos de leitura de Paulo Freire, e no reconhecimento da roda de conversa como um encontro potente e político de acionamento de reflexões, saberes e ações. Outra fundamentação para esses encontros é Gilles Deleuze, que nos ensina sobre a potência das conversações, bem como a Escola Matriztica de Santiago, com o trabalho de Humberto Maturana e Ximena D'Ávila, com a orientação no sentido de que o social e o conhecimento decorrem do conjunto de ações recorrentes, que se dão no conversar. Assim, nas rodas de conversa semanais que, nestes tempos, acontecem virtualmente, conversa-se e se discute sobre o que vier à ideia, em livre associação do grupoⁱⁱⁱ, que compartilha experiências, vivências de campo, leituras, reflexões, cenas do cotidiano. Deste campo relacional potente ativado, surgem inspirações, intuições e vão emergindo fios ideáticos (de ideias), que costuram nossas pesquisas e nos mostram pontos importantes, assim como têm evidenciado, com frequência, a potência do avesso, também do Turismo. A proposição Avesso do Turismo é mais, mas minhas reflexões são resultado também dos Encontros Caóticos, onde surgem evidências, sim, evidências construídas no coletivo, no sentido de que estamos produzindo pesquisas do avesso. Ao que parece, um avesso do capitalismo, que começa a chamar a atenção, em tempos de sinalização do fim do mundo, como nos falava já a liderança indígena e pensador Ailton Krenak (2019). Um avesso necessário para a sobrevivência do planeta, como também foi claramente sinalizado por James Lovelock (1991), em sua Eras de Gaia, quando alertou para as possíveis reações do planeta, no caso se continuarem as ações de degradação, descuido e violência ambiental.

O pesquisador cartógrafo do Amorcomtur sistematiza e também inscriçiona (increve – cria – aciona) representações, orientando para o cuidado e o esmero, com as matrizes rizomáticas^{iv}, que vão ajudando a verificar os alinhamentos das brotações, os pontos de passagem e de confluência, para lembrar Prigogine, bem como para garantir o acionamento de potencialidades criativas dos modos de narrar a pesquisa. Essas potencialidades têm sido trabalhadas, na confluência de saberes do Jornalismo Literário Avançado e estudos profundos de narrativas, com diálogos com diversos autores (Lima, 1987, 1994, 1996, 1998, 2004, 2009, 2010; Martinez, 2012; Soster & Picinini, 2019).

A síntese das trilhas é a seguinte: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa. A trilha de Saberes Pessoais já foi aqui referida, considera a importância da Cartografia dos percursos do pesquisador, anteriores à pesquisa, o reconhecimento de uma trama de marcas e sinalizadores que vão tecendo os saberes desse sujeito que, em determinado momento, se inquieta, se questiona e começa a constituir

uma trama de floresceres investigativos para a próxima viagem. Nesse sentido, são recorridos não somente saberes acadêmicos, não se trata apenas de retomar o acúmulo de dados, mas também as significações de saberes na vida, saberes múltiplos, como venho sinalizando aqui. A partir deste ponto, seguimos para a abordagem, um pouco mais detida, de saberes teóricos entrelaçados. Não há a pretensão de apresentar toda a trama de saberes, mas apenas de trazer alguns sinalizadores do percurso em busca do Averso do Turismo.

Em busca do avesso do turismo

Historicamente, talvez possamos considerar o turismo como 'desterritorialização desejanse pensada', quer dizer, como um processo em que algo acionou a desterritorialização, mas não como um impulso inconsciente, inconsequente existencialmente. Não se trata de movimentos autômatos da horda primitiva, em circulação, mas, desde o início, em um resquício de racionalidade, que se associa com o impulso, com o acionamento dos afetos que mobilizam o sujeito. Quer dizer, a atividade turística começou a surgir no momento em que existe um mínimo de consciência do desejo ou necessidade de deslocamento, de desterritorialização e, neste sentido, já surge com a pressuposição de uma orquestração mínima de recursos para viver processos de partida, de movimento, de perda do chão de si mesmo, de desterritorialização. Assim, no momento em que o homem primitivo sentiu necessidade de partir para algum lugar e reuniu uma porção de alimentos, algumas túnicas, um pouco d'água para a viagem, começava aí uma viagem sem volta na história da humanidade e do turismo. Ter consciência da partida, organizar minimamente essa partida e buscar alojamentos e reabastecimento desses recursos, no percurso, para mim, já era turismo. Depois desapegar-se do lugar para onde foi, em nova desterritorialização pensada. Sim, já estamos falando de turismo, no que considero o sema fundador, o traço básico, a desterritorialização com acionamento da trama do antes, processo, durante e depois.

Desse modo, o desenvolvimento do turismo pode ser pensado em paralelo ao desenvolvimento do Capitalismo. Vale refletir, nesse sentido, a partir dos ciclos do capitalismo em escala mundial, propostos por Arrighi (2009), no livro *O Longo Século XX*. Neste texto, Arrighi lista quatro Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSA). Esses ciclos envolvem a ascensão e a queda da hegemonia (ciclos de poder) e os respectivos regimes de acumulação (ciclos de capital). Segundo o autor, tem-se, nesse sentido, o primeiro ciclo - cidades italianas Gênova e Veneza (século XV ao início do XVII); o segundo - o Holandês (fim do século XVI até meados do XVIII); o terceiro - Britânico (meados do século XVIII ao início do XX); e o quarto e atual, o Americano, desde o final do século XIX.

Um dos textos que sintetiza do pensamento de Arrighi é o de Stropfer (2012), quando ela explica que Arrighi fundamenta-se em Braudel e utiliza o fracionamento da fórmula geral do capital, apresentada por Marx (DMD). Essa fórmula, segundo Arrighi (2009, p. 6): "[...] pode ser interpretada como retratando não apenas a lógica dos investimentos capitalistas individuais, mas também um padrão reiterado do capitalismo histórico como sistema mundial". Destaque-se, aqui, o que Arrighi aponta como sendo o aspecto central desse padrão, ou seja, a alternância de épocas de expansão material (fases DM de acumulação de capital) com fases de renascimento e expansão financeiros (fases MD). Talvez este seja justamente um dos pontos a ser considerado, para pensar o Averso do Turismo: o fato de que os ciclos do capitalismo oscilaram entre expansão material e expansão financeira, e não expansão da vida e de responsabilidade ecossistêmica. Tem-se ciclos sistêmicos de acumulação de capital material ou financeiro, não de capital de vida. Assim também prevalece no Turismo, em decorrência de lógica desenvolvimentista do setor, o que desencadeou processos de

ampliação e crescimento desenfreado, sem crítica e autocrítica, gerando, como consequência, fenômenos apontados como turistificação e turismofobia.

Aqui é interessante pensar a partir da perspectiva de Harvey (2005; 2011), de acumulação de capital por meio da espoliação, o que segundo ele é uma condição necessária para a sobrevivência do capitalismo. Nesse sentido, o autor alerta: “A escalada da destruição dos recursos ambientais globais (terra, ar, água) e degradações proliferantes de habitats, que impedem tudo exceto formas capital-intensivas de produção agrícola, também resultaram na mercadificação por atacado da natureza em todas as suas formas” (HARVEY, 2005, p. 123).

Essa mercadificação a que Harvey se refere também está relacionada às práticas do Turismo, sendo que suas motivações e consequências estão bem desenhadas e explicitadas no avesso dos processos. No lado que não se divulga nas campanhas promocionais das destinações, nas discussões que, muitas vezes não se fazem, porque isso poderia questionar ou colocar em risco o potencial de crescimento do setor turístico, da ‘grande máquina’, da grande engrenagem capitalística.

Interessante, neste sentido, o percurso que orientei, na produção da tese de Helena Charko Ribeiro (2019), de construção da linha de tempo do conceito de turismo. Na tese, desenvolvemos o percurso teórico-conceitual, em 21 itens, cuja revisão sempre ajuda pensar a composição do turismo de fachada, do turismo do lado direito, aquele que se mostra, que se exhibe, com uma estética calcada na falácia da perfeição de mundos, de destinação e eficiência capitalística nas interações. O turismo do lado direito é aquele que se produziu para mostrar, que é exibido como o turismo de sucesso, resultado de uma infinidade de planejamentos turísticos e de governanças públicas e privadas. O turismo idealizado pelos agentes do turismo e pela trama de sujeitos dele dependentes, sejam estes os moradores, o poder público, os operadores do turismo, os trabalhadores do setor, assim como também, claro, os chamados turistas.

O turismo do lado direito é o turismo que se estruturou capitalisticamente, em segmentos voltados a nichos de mercado, todos voltados a aproveitar esses nichos para capitalizar, a partir da atividade e da exploração turística de lugares e sujeitos envolvidos. Trata-se, também, de um conjunto de atividades que não têm responsabilidade ecossistêmica, no sentido trabalhado pelas pesquisas do Amorcomtur, porque se estrutura a partir de uma lógica liberal de desenvolver e produzir para gerar o progresso, pressupondo o progresso como bem maior para uma sociedade, mesmo que, historicamente, o progresso econômico não tenha beneficiado, necessariamente, sociedades, como um todo, mas segmentos detentores do poder do capital, dos meios de produção e dos postos de controle político. Pior que isso, a lógica neoliberal elevou a extremos os pressupostos do *laissez faire* (deixar fazer) expressão emblemática de orientação pela falácia de que o mercado seria o grande Deus, regulador das relações e que geraria uma boa e feliz convivência.

O contrário disso é a lógica de Boaventura de Sousa Santos, quando ele propõe produzir para viver. Talvez tenhamos aqui um ponto-chave de salto quântico sinalizado: a passagem da ideia de produzir para acumular capitais – materiais ou financeiros para a possibilidade de produzir para viver, ou seja, para acumular ‘vida’, melhores condições de vida, o que, diga-se de passagem, só é possível no coletivo, com o reconhecimento de que estamos entrelaçados na Grande Teia da Vida, para lembrar Capra (1997). Produzir para viver significa produzir para ‘com-viver’, viver junto, ‘com-versar’ lugares e sujeitos e no processo de ‘com-versar’, versar junto, descobrir maneiras de valorizar cada recurso existente e cada elemento do ecossistema em que estamos envolvidos, pensando na interação e cooperação recorrente como o potente motor de acionamento de autopoiese, de condição de reinvenção cotidiana dos modos e possibilidade de vida, de sobrevivência.

A inspiração aqui é também o conceito de autopoiese, cunhado por Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), a partir da Biologia Amorosa e do Conhecimento. A partir do conceito... podemos entender que não há autopoiese fora do sistema... só é possível a

reinvenção partindo do próprio sujeito, mas esse sujeito, seja pessoa, organização ou destinação turística como sujeito-trama, quer dizer, compreendido em seus múltiplos atravessamentos, em seus liames, nós e fios derivativos (Prigogine, 2001). Assim não é possível pensar esse sujeito 'de um lado só', a partir de sua fachada, de seu lado preparado para ser 'vendido' como produto turístico. É preciso olhar o avesso, os avessos da vida e do potencial turístico que pulsa e que possibilita condições de sobrevivência. A questão, então, deixa de ser desenvolver sempre e sempre mais, a qualquer custo e passa a ser desenvolver coerente e consistentemente comprometido com o sistema de coerências, com o Universos existencial, com o ecossistema, a ambiência, *l'ensemble*, o todo.

É necessária uma visão holística e coragem para enxergar o avesso em sua trama consistente. No avesso se produzem as costuras, as amarrações. No avesso, são dados os nós, no avesso também, em certo sentido, estamos nós que estudamos o Turismo, e o pensamos como processos de saberes e fazeres, para gerar bem comum. No avesso, buscam-se arremates para sustentar eficientemente a trama que existe do outro lado, aquela que o visitante-turista vê. No avesso, são feitos os acordos, os acertos, as combinações para recebermos as visitas turísticas. Há toda uma poética aqui então envolvendo hospitalidade, acolhimento, a recepção, o colo para quem chega. Há um mar de estudos já realizados nesse sentido, mas que também se dividem entre o bem-receber, ser hospitaleiro, a hospitalidade estratégica. Há também aqui uma fachada de hospitalidade que contrasta com o avesso, o lado dos fios soltos, dos nós, dos entrelaços, dos arremates não feitos, nas ações feitas 'para mostrar', para 'fazer ver' hospitalidade e, depois, gerar pontuação em aplicativos, que, por sua vez resultarão em publicações em rankings nacionais e internacionais. Não, hospitalidade, em si, também não é isso. Também me interessa pelo avesso da hospitalidade, na sua intensidade trama, genuína, intensa, verdadeira, marcada pela amorosidade, como ética da relação e do cuidado, pela responsabilidade ecossistêmica, em sentido amplo e planetário.

Do ponto de vista do turista, no avesso está também a desidealização da viagem, do turismo, da desterritorialização. Está aquilo que se desmancha rapidamente quando nos colocamos em movimento e acionamos o processo. Eu costumo dizer, sabemos o momento de sair de casa e nada mais. O restante é ilusão planejada. O restante é o devir, o que deve vir a ser. Partimos sem nossas amarras e também sem as condições cotidianas que nos dão seguranças mínimas de existir. Partimos para aprender a nos reinventar, com menos roupa, com outro lugar para dormir, com modos de lidar com adoecimentos e acontecimentos inesperados. O avesso da viagem é o gosto do acontecimento viagem, do turismo nas calçadas, no estranhamento do rosto da pessoa que não nos entende, no gosto da comida que não satisfaz ou nos surpreende com o sabor inusitado, que tanto pode produzir imensa alegria gastronômica como mal-estar de um ou mais dias. O avesso do turismo é a ruptura com a poética idealizada e o encontro com o desconforto de desafios mínimos e gigantes, de quem não está em casa. Saber-se viajante, sem lar, reinventar-se na relação com novos espaços, novos sujeitos, novos cenários e paisagens. Sim, do avesso vemos a trama toda, também o que tem muita graça, muito encanto, mas não vemos somente isso. Muitas vezes, percebemos que o sorriso gentil do entregador pode resultar no momento de entristecimento, quando antes de partir do hotel, ele nos pede para acessar o aplicativo e fazer um elogio. No avesso do Turismo, estão as marcas de um sistema econômico, com implicações sociopolíticas e ecossistêmicas, com marcas de perversidade, psicopata, sociopata, ambientopata. O sistema conhece os sujeitos por dentro, seus desejos, suas angústias, então acena com possibilidades, desde que... ele negue o Outro, desde que ele invista na competição, também com a natureza, desde que ele desconsidere os riscos ambientais e ecossistêmicos. O Capital propõe o Turismo, ainda que isso signifique a negação do direito de existir ao morador, que perde o direito de circular na cidade, de usufruir de belezas naturais ou espaços preparados para 'as visitas' apenas. O Capital exclui, nega, escolhe e, quando

faz isso, cria um impasse de conflito distributivo em que a grande engrenagem produtiva cria condições excelentes para alguns e dramaticamente terríveis para muitos.

Últimos fios do avesso, nesta costura texto...

É necessária uma visão holística e coragem para enxergar o o avesso em sua trama consistente. No avesso se produzem as costuras, as amarrações. No avesso, são dados os nós, no avesso também, em certo sentido, estamos nós que estudamos o Turismo, e o pensamos como processos de saberes e fazeres, para gerar bem comum. No avesso, buscam-se arremates para sustentar eficientemente a trama que existe do outro lado, aquela que o visitante-turista vê. No avesso, são feitos os acordos, os acertos, as combinações para recebermos as visitas turísticas. Há toda uma poética aqui então envolvendo hospitalidade, acolhimento, a recepção, o colo para quem chega. Há um mar de estudos já realizados nesse sentido, mas que também se dividem entre o bem-receber, ser hospitaleiro, a hospitalidade estratégica. Há também aqui uma fachada de hospitalidade que contrasta com o avesso, o lado dos fios soltos, dos nós, dos entrelaços, dos arremates não feitos, nas ações feitas 'para mostrar', para 'fazer ver' hospitalidade e, depois, gerar pontuação em aplicativos, que, por sua vez resultarão em publicações em rankings nacionais e internacionais. Não, hospitalidade, em si, também não é isso. Também me interessa pelo avesso da hospitalidade, na sua intensidade trama, genuína, intensa, verdadeira, marcada pela amorosidade, como ética da relação e do cuidado, pela responsabilidade ecossistêmica, em sentido amplo e planetário.

Do ponto de vista do turista, no avesso está também a desidealização da viagem, do turismo, da desterritorialização. Está aquilo que se desmancha rapidamente quando nos colocamos em movimento e acionamos o processo. Eu costumo dizer, sabemos o momento de sair de casa e nada mais. O restante é ilusão planejada. O restante é o devir, o que deve vir a ser. Partimos sem nossas amarras e também sem as condições cotidianas que nos dão seguranças mínimas de existir. Partimos para aprender a nos reinventar, com menos roupa, com outro lugar para dormir, com modos de lidar com adoecimentos e acontecimentos inesperados.

O avesso da viagem é o gosto do acontecimento viagem, do turismo nas calçadas, no estranhamento do rosto da pessoa que não nos entende, no gosto da comida que não satisfaz ou nos surpreende com o sabor inusitado, que tanto pode produzir imensa alegria gastronômica como mal-estar de um ou mais dias. O avesso do turismo é a ruptura com a poética idealizada e o encontro com o desconforto de desafios mínimos e gigantes, de quem não está em casa. Saber-se viajante, sem lar, reinventar-se na relação com novos espaços, novos sujeitos, novos cenários e paisagens. Sim, do avesso vemos a trama toda, também o que tem muita graça, muito encanto, mas não vemos somente isso. Muitas vezes, percebemos que o sorriso gentil do entregador pode resultar no momento de entristecimento, quando antes de partir do hotel, ele nos pede para acessar o aplicativo e fazer um elogio.

No avesso do Turismo, estão as marcas de um sistema econômico, com implicações sociopolíticas e ecossistêmicas, com marcas de perversidade, psicopata, sociopata, 'ambientopata'. O sistema conhece os sujeitos por dentro, seus desejos, suas angústias, então acena com possibilidades, desde que... ele negue o Outro, desde que ele invista na competição, também com a natureza, desde que ele desconsidere os riscos ambientais e ecossistêmicos. O Capital propõe o Turismo, ainda que isso signifique a negação do direito de existir ao morador, que perde o direito de circular na cidade, de usufruir de belezas naturais ou espaços preparados para 'as visitas' apenas. O Capital exclui, nega, escolhe e, quando faz isso, cria um impasse de conflito distributivo em que a grande engrenagem produtiva cria condições excelentes para alguns e dramaticamente terríveis para muitos.

Há que se rever tudo isso, também no Turismo. Do lado do avesso.

Referências

- Andrade, C. D. (1987). *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro: Record.
- Arrighi, G. (2009). *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Baptista, M. L. C. (2000). *O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional: um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Baptista, M. L. C. (2013). *Desterritorialização desejante em Turismo e Comunicação: Narrativas Especulares e de Autopoiese Inscricional*. Projeto de Pesquisa, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, Brasil.
- Baptista, M. L. C. (2014a). *Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação*. *Questões Transversais: Revista de Epistemologias da Comunicação*, 2(4), 98-105.
- Baptista, M. L. C. (2014b). *Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação*. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 6(3), 342-355.
- Baptista, M. L. C. (2017). *Matrizes rizomáticas: proposição de sinalizadores para a pesquisa em turismo [Resumo]*. In Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (Eds.) *Anais, XIV Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo* (p. 1-2). Balneário Camboriú, Brasil: ANPTUR.
- Beni, C. M., & Moesch, M. (2017). *A teoria da Complexidade e o Ecossistema do Turismo*. *Turismo-Visão e Ação*, 19(3), 430-457.
- Capra, F. (1991). *O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. (12ª ed). São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (1997). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Colferai, S. (2014). *Um Jeito Amazônida de ser Mundo. A Amazônia como Metáfora do Ecossistema Comunicacional: Uma Leitura do Conceito a Partir da Região*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, Brasil.
- Crema, R. (1989). *Introdução à visão holística* (5ª ed.). São Paulo: Summus.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed 34.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- Eco, H. (1993). *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido* (17ª ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freud, S. (1976). *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gastal, S. A. (2005). *Turismo, imagens e imaginários*. São Paulo: Aleph.

- Gastal, S., Castrogiovani, A. C. (Orgs.). 2003. Turismo na pós-modernidade (des)inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Gleiser, M. (2006). A dança do universo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gleiser, M. (2007). Cartas a um jovem cientista: o universo, a vida e outras paixões. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Goswami, A. (2008). O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material. São Paulo: Aleph, 2008.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). Micropolítica: cartografias do desejo (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Guattari, F. (1992). Caosmose: um novo paradigma ético-estético. Rio de Janeiro: Ed 34.
- Harvey, D. (2005). O novo imperialismo (2ª ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Harvey, D. (2011). O enigma do capital e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo.
- Krenak, A. (2019). Ideias para Adiar o Fim do Mundo. Companhia das Letras: São Paulo.
- Krenak, A. (2020). O Amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1988). A Ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1988). Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1990). Escritos (16ª ed.) Bogotá: Siglo Veintiuno.
- Lima, E. P. (1987). Colômbia Espelho América: dos piratas a Garcia Márquez, viagem pelo sonho de integração latino-americana. São Paulo: Perspectiva.
- Lima, E. P. (1994). Retratos da Baía. Rio de Janeiro: Faperj.
- Lima, E. P. (1998). Da escrita total à consciência planetária. São Paulo: Petrópolis.
- Lima, E. P. (2004). Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura. São Paulo: Manole.
- Lima, E. P. (2009). Escrita Total. Escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito. São Paulo: Sistema Clube de Autores.
- Lima, E. P. (2010). Jornalismo Literário para iniciantes (1ª ed.). São Paulo: Edição do Autor.
- Lima, E. P. (Coord.). (1996). Econautas: ecologia e jornalismo literário avançado. Canoas: Universidade Luterana do Brasil.
- Lovelock, J. (1991). As Eras de Gaia. A Biografia da Nossa Terra Viva. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Martinez, M. (2012). Narrativas de viagem: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 35(1), 34-52.
- Maturana, H. (1998). Emoções e Linguagem na Educação e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Maturana, H., & Varela, F. (1997). De máquinas e seres vivos: autopoiese, a organização do vivo. (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Mezan, R. (1987). Sigmund Freud. A Conquista do Proibido (5ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Mezan, R. (2006). Freud: A trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva.
- Moesch, M. (2004). Epistemologia social do turismo. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

- Moesch, M., Gastal, S. (Orgs.). (2004). Um outro turismo é possível. São Paulo: Contexto.
- Monteiro, G. V., Abbud, M. E. de O. P. & Pereira, M. F. (Orgs.). (2011). Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação. Manaus: Edua.
- Morin, E. (1991). Introdução ao pensamento complexo. São Paulo: Instituto Piaget.
- Morin, E. (2003). Amor, poesia e sabedoria (6ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2013). Ciência com consciência (15ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Prigogine, I. (2001). Ciência razão e paixão. Belém: Eduepa.
- Ribeiro, H. C. (2019). Turismo e Saúde: sinalizadores turísticos de Porto Alegre, relatados pelos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e seus acompanhantes, em processos de deslocamento. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, Brasil.
- Rolnik, S. (1989). Cartografia Sentimental. São Paulo: Liberdade.
- Santos, B. S. (1990). Introdução a uma Ciência Pós-Moderna. (2ª ed.). Porto: Afrontamento.
- Santos, B. S. (1997). Um discurso sobre as ciências (2ª ed.). Porto: Afrontamento.
- Santos, B. S. (2002). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, B. S. (2019). O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. São Paulo Autêntica.
- Singh, V. & Agnihotri, A. (2020). New Radical Approach In Interdisciplinary Research. Bangalore: APD.
- Soster, D. A. & Passos, M. Y. (2019). Narrativas de Viagem. Santa Cruz do Sul: Catarse.
- Soster, D. A. & Piccinin, F. (2019). Narrativas Midiáticas Contemporâneas. Sujeitos, Corpos e Lugares. Santa Cruz do Sul: Catarse.
- Stropper, M. T. D. (2012). Inflexão das Ongs Ambientalistas após 1990: Um estudo sobre a atuação das ONGs no caso da Usina Hidrelétrica Belo Monte. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Stropper, M. T. D. (2012). O capitalismo pós-1990 e a emergência de novos pólos de poder. Para Onde!?, 6(1), 44-51.

ⁱ A metáfora da viagem investigativa vem sendo construída ao longo de mais de 30 anos de docência em Metodologia Científica, em seis universidades brasileiras, em diversas áreas: Comunicação, Turismo, Psicologia, Educação, Medicina, Serviço Social, Design, Sociedade e Cultura da Amazônia. Também está relacionada a trabalho de supervisão de textos desenvolvido nesse período, com leituras, correção e supervisão personalizada de centenas de textos, entre monografias, dissertações, teses, artigos, projetos, memoriais, para, praticamente, todas as áreas do conhecimento, em empresa de Porto Alegre.

ⁱⁱ O conceito de autopoiese está sendo utilizado neste texto como autoprodução, a partir de inspiração nos estudos de Humberto Maturana e Francisco Varela, bem como em associação à noção de máquinas autopoieticas, abordada por Félix Guattari (1992) e Guattari e Deleuze (1995).

ⁱⁱⁱ Claro que aqui não deixa de ter inspiração também em toda a trajetória de estudos psicanalíticos e ao conhecimento que veio à tona, especialmente a partir de Sigmund Freud. Embora a orientação seja esquizoanalítica, a prática de trabalho em grupo, a escuta sensível, a compreensão de que se forma ali um campo de encontro também de inconscientes, tem relação com substratos de saberes desenvolvidos e apropriados, em estudos na interface Comunicação e Psicologia, inicialmente com embasamento psicanalítico, com vínculos especiais a Freud, Lacan, Renato Mezan, entre outros.

^{iv} Matrizes rizomáticas são esquemas visuais construídos para verificação do equilíbrio fluente da pesquisa, na produção e narrativa. Envolvem três grandes matrizes: verificação do equilíbrio fluente da narrativa da pesquisa; Trama das Trilhas Teóricas, verificação do equilíbrio fluente das teorias da pesquisa; Trilha da Pesquisa em Ação, com a verificação do equilíbrio fluente dos processos de investigação, envolvendo aproximações e ações. Esta proposição foi apresentada inicialmente no Seminário ANPTUR 2017, com ampliação em vários textos, tendo sido recentemente publicada na Índia, no livro intitulado *New Radical Approach in Interdisciplinary Research*, coordenado pelos professores Dr. Vijay Singh & Aastha Agnihotri (2020).